

FCPF MAGAZINE

NÚMERO 46



ANTEVISÃO
JORNADA 24
PAÇOSXMOREIRENSE

EDITORIAL

NÚMERO 46
MARÇO 2021

TEXTOS:
Sara Alves

FOTOS:
Telmo Mendes

DESIGN:
Liff

DISTRIBUIÇÃO ONLINE

SEGUE O PAÇOS



Distribuição gratuita

FC Paços de Ferreira
Rua do Estádio, 95
4590-571 Paços de Ferreira

WWW.FCPF.PT



A abertura gradual do país - após o longo inverno social a que ficamos vetados durante um ano - é também uma boa notícia para todos nós que gostamos de futebol e do nosso Clube. O desporto e o futebol em particular têm sido um bom exemplo de gestão racional da pandemia, ao aguentarem com responsabilidade os momentos mais críticos da sua evolução, pelo que mereciam uma atenção especial na programada reabertura. Não deixa, por isso, de estranhar uma certa relutância dos responsáveis governamentais em definir as datas em que o futebol de formação e os adeptos, nas Ligas profissionais, terão o seu ansiado regresso.

O FC Paços de Ferreira defronta esta tarde o Moreirense FC em mais uma importante partida para a definição do escalonamento final da Liga. Após o jogo menos conseguido no Estádio do Dragão, a equipa quer regressar às vitórias e dar sequência à bela prova que está a realizar. Com a I Liga a entrar no seu último terço de competição o grau de dificuldade das partidas vai aumentar substancialmente, porque os pontos começam a ser preciosos para cada qual atingir o seu objetivo. O principal dos Castores já foi alcançado, mas a equipa tem demonstrado uma insaciável ambição de vitória e é isso que todos esperamos que aconteça frente à equipa de Moreira de Cónegos. Um adversário que, sob o comando do nosso bem conhecido Vasco Seabra, tem feito dos jogos fora de casa a sua principal fonte de rendimento. Um alerta sobre o qual a equipa pacense trabalhou para o tentar contornar. O jogo - onde o «onze» pacense entrará em campo com o equipamento alternativo - terá também um motivo bem pertinente assinalado nas suas camisolas brancas. Em lugar do nome, os atletas vão ter uma mensagem sobre o Dia Internacional Contra a Discriminação Racial. Um assunto sério e para o qual todos devemos contribuir, erradicando de todas as vertentes da vida qualquer sinal que inferiorize um ser humano em função da sua raça ou cor de pele.

A entrevista desta edição é com Douglas Tanque, um avançado que vai concluir a sua 3ª época nos Castores e que tem firmado os seus créditos de goleador da equipa. Uma prestação assinalável e que estará prestes a entrar para a história do Clube nas Ligas Profissionais, pois é atualmente o segundo melhor marcador de sempre na junção das competições (I e II Liga, Taça da Liga e Taça de Portugal). Douglas Tanque leva 34 golos marcados e está apenas a dois de Bruno Moreira, que lidera a tabela. Quem sabe não chegará lá esta tarde...

Na rubrica «Paços na História» lembramos a grande carreira que Adalberto protagonizou no seu Clube de sempre. Uma longa e profícua história que fez do «nosso» Capitão um dos atletas mais emblemáticos do Clube. Muitos e bons motivos para não perder esta «FCPF Magazine».

Paulo Gonçalves
(Secretário Técnico)

DOUGLAS TANQUE

"O PAÇOS MERECE ESTAR ONDE ESTAMOS HOJE"

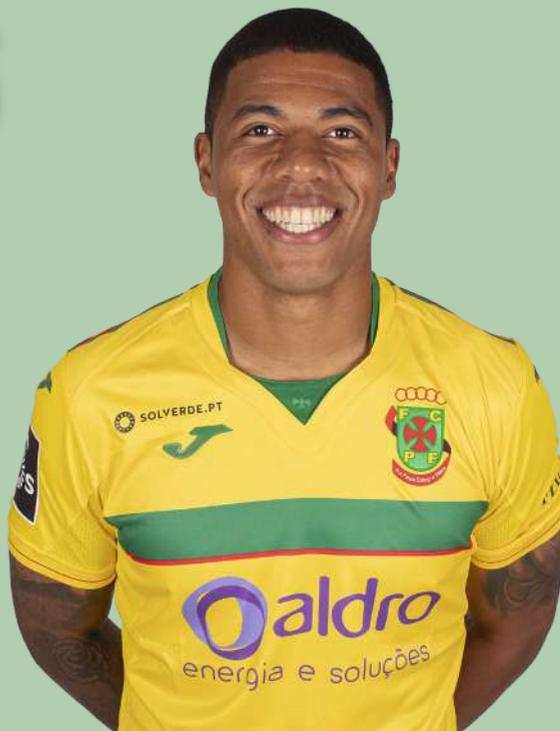
Aos 12 anos, começou a traçar o seu percurso longe da família; aos 16 já se estreava no campeonato brasileiro, e pouco depois veio a trabalhar com nomes como Ronaldo Fenómeno ou Roberto Carlos. Procurando sempre mais, na busca pelo cumprir do sonho de chegar à Europa, foi-se aventurando no Japão, no México, na Tailândia... Tudo isto antes de chegar a Paços de Ferreira, onde está há três anos. E é aqui que, tal como desejava em criança, Tanque vai concretizando o sonho europeu.

Três anos de FC Paços de Ferreira. Como é que tudo isto está a ser?

Está a ser uma linda história. Estou muito feliz, estão a ser três anos muito positivos, com muitos jogos e golos. No primeiro houve o título (que foi o meu primeiro título como profissional também), depois uma permanência, e agora estamos a lutar com outro pensamento para lá da permanência. Está a ser maravilhoso. Só tenho a agradecer a Deus e ao Paços de Ferreira.

De facto, já passaste por todos os momentos aqui no clube: subida de divisão com o título, luta pela manutenção e agora esta época incrível...

Sim, já passei por tudo aqui, pelos momentos maus e bons – não só em termos de coletivo, como também individualmente –, mas temos de pensar



sempre positivo e confiar no próprio trabalho, pois na hora certa as coisas aparecem. E foi fruto do trabalho que também fizemos na época passada, depois do COVID. Mantivemos muitos jogadores e este ano o mister pediu só algumas peças para aumentar o nosso plantel e a qualidade, e por isso é que estamos a fazer um excelente trabalho. E como a equipa técnica e os jogadores já se conheciam, isso ajuda muito.

Numa entrevista feita quando chegaste, disseste que não conhecias muito bem o futebol português – só vias alguns jogos do Porto, Benfica e Sporting. Como é que avalias o futebol português agora?

d DIVERCOL®

O futebol português surpreendeu-me mais pela competitividade das equipas que não fazem parte dos três "grandes". É preciso muito compromisso tático, jogar de forma compacta e estar 100% concentrado em todos os jogos – não podes facilitar nem um minuto, porque podes perder os três pontos nesse instante. É um campeonato muito competitivo.

Sentiste muita diferença na passagem da Segunda para a Primeira Liga?

Não houve muitas diferenças. Talvez só mesmo o facto de na Primeira Liga haver mais jogadores com mais qualidade do que na Segunda. Mas a agressividade e a competitividade são iguais.

E disseste também que não conhecias o Paços. Foi uma surpresa o que encontraste aqui?

Foi uma grande surpresa. Todos diziam que é um clube pequeno, mas se vierem hoje para o Paços e virem a estrutura que tem... Na minha opinião, o Paços pode só perder para os quatro grandes, ao nível da estrutura. É um clube que está muito bem preparado para receber grandes jogadores, e merece estar onde estamos hoje. Merece lutar sempre por algo maior do que a manutenção – pela estrutura do clube, pela cidade e pelas pessoas que cá trabalham.

Estruturas à parte, o que é facto é que, dentro de campo, o Paços tem conseguido ombrear com esses "grandes".

É verdade. É também um trabalho excelente do mister – ele não muda a nossa forma de jogar, seja qual for o adversário. Independentemente do resultado, ele quer é que joguemos à Paços, que deixemos tudo dentro de campo. Porque, assim, todos vão ver que lutamos até ao fim. O resultado pode não vir, mas os nossos adeptos vão estar orgulhosos, porque lutamos até ao fim.

Ainda te lembras do teu começo, na primeira época?

Sim. Houve uma fase em que estava a fazer muitos golos e tudo, e jogava o Luiz Phellype... E uma vez o mister Vítor Oliveira disse-me: "Calma, a tua hora vai chegar. Continua a trabalhar. Tem paciência, que vai chegar". E eu não baixei a guarda, continuei a trabalhar – como até hoje; jogando ou não, trabalho da mesma forma para ajudar o Paços. E, tal como o mister Vítor Oliveira, o mister Pepa também diz que é preciso trabalhar ao máximo para puder estar bem. Então, desde que cheguei, isso que ele me disse mudou muito em mim, não só como profissional. Independentemente de jogares ou não, tens de trabalhar ao máximo, porque tu jogas como treinas – e se

não deres o máximo durante a semana, no jogo também não consegues dar.

Foi um conselho importante...

Não só para crescer aqui dentro, no Paços de Ferreira, como na minha carreira também. Tenho de agradecer muito ao Vítor Oliveira e ao Pepa, porque me fizeram crescer muito. São dois treinadores que me vão marcar para sempre.

Foi fácil a adaptação a Portugal?

Sim, foi. Pelo idioma, ficou muito mais fácil comunicar com os companheiros e fazer amizades, então isso ajudou muito.

A priori, seria a adaptação mais fácil, tendo em conta todos os outros países pelos quais já passaste: Japão, México e Tailândia. Qual foi o mais desafiante?

Quanto à minha adaptação, a mais difícil foi na Tailândia, porque o idioma é difícil e o inglês também não era muito bom. Também não treinava muito e isso não ajudava na comunicação e nas relações de amizade, além de que estava longe da família, pois não os pude levar. Foi muito difícil para mim. Só fiquei lá quatro meses e quando recebi o convite do Paços nem pensei duas vezes. Nem pensei no idioma ou no campeonato. Quando cheguei aqui, na verdade nem sabia que o Paços estava na Segunda.

Joma



“PENSAMOS EM DEIXAR ALGO QUE FAÇA OS ADEPTOS FELIZES E OS FAÇAM LEMBRAR-SE DE NÓS UM DIA.”

[Risos] Não pensei muito nisso. Só queria sair de lá, jogar e estar perto da minha família.

Por outro lado, já disseste algumas vezes que te sentiste bem no Japão. Gostaste das pessoas, da cultura...

Sim, no Japão foi muito mais fácil, porque eu tinha um intérprete dentro do clube, nos treinos, nos jogos, e tinha um intérprete para a minha família também. Isso tranquilizou-me e ajudou-me. Os intérpretes também nos ajudavam a falar o básico de japonês. Além disto, os jogos e os treinos eram muito intensos... Acho que é como aqui, mas cá o campeonato tem mais qualidade. Ou seja, a intensidade e a competitividade são iguais, mas a qualidade é superior aqui. No entanto, o Japão é incrível, gostei muito. Apesar de ser o país onde tive as minhas duas lesões graves no joelho.

Tiveste duas passagens pelo Japão (2015 e 2017). Em qual delas surgiu a lesão?

Foi logo na primeira. Lesionei o cruzado na terceira jornada, voltei a treinar em setembro, em outubro fui fazer a minha reestrea... e lesionei-me de novo. Cheguei a dizer à minha esposa que ia parar de jogar, porque com duas lesões não ia aguentar. Ela apoiou-me do início ao fim. A minha família foi

quem me deu mais força e motivação para superar essas graves lesões, e hoje dou graças a Deus e à minha família por estar a jogar num campeonato da Europa e num alto nível. A minha esposa sabia do meu sonho de jogar na Europa e acabei por conseguir realizá-lo e estou muito feliz.

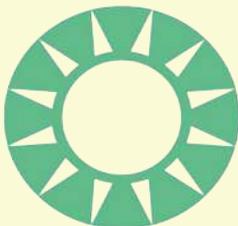
Essa foi a primeira vez que saíste do Brasil. Na altura, querias muito sair do teu país e abraçar novos projetos? Como é que foi?

Na verdade, eu sempre quis jogar fora do Brasil. Mas o meu "fora do Brasil" não era ir para o Japão, era ir para a Europa. Quando era criança, via os atletas que jogavam nos campeonatos europeus e o meu sonho era esse. Mas quando surgiu o Japão, eu não hesitei e fui, porque pensei que um dia poderia aparecer um desses campeonatos. E apareceu.

Havia mais brasileiros ou portugueses no plantel? Tinha mais três brasileiros.

O que ajuda também...

Sim, muito. Mas o que ajudou mais e achei incrível foi o facto de o clube ser como é o Paços – um clube que ajuda. E tinha o intérprete, que no começo foi fundamental. Vais a um supermercado



SOLVERDE.PT

e nem sabes ler o que são as coisas, mas ele estava ali para te ajudar.

Ainda sabes dizer algumas coisas em japonês?

Sei um pouco, mas não vou dizer. [Risos] Sei o básico, o que diziam no treino. Direita, esquerda, bom dia, boa tarde...

E na Tailândia dizias alguma coisa?

Não, isso não. E eu também não sei falar muito bem inglês, por isso foi muito mais complicado.

Só falta o México e o espanhol.

Dava para entender um pouquinho. Quando eles falavam devagar, entendia. Mas foi bom, porque lá voltei a jogar, depois da lesão, fiz um bom campeonato e voltei para o Japão.

Voltares para o Japão é, realmente, a prova de que lá sentiste bem. Apesar das lesões.

Sim, foi um país que me recebeu bem. Além disso, nessa segunda vez eu fui mais para provar a mim mesmo de que o "problema" não era o país. Foi um azar, não foi o campeonato que me lesionou... Então, como a minha esposa também amava o Japão, não pensei duas vezes. Fui para lá com ela e com a minha filha, recém-nascida na altura. E é incrível, gosto muito de estar lá.

Vamos agora ao início de tudo. Como é que começou a tua caminhada no futebol?

Comecei com 12 anos, quando fui para o MAC de Marília. Lembro-me bem! Tinha passado na avaliação e ia disputar o campeonato na capital, em São Paulo, onde tinha de ficar 15 dias. Então lá fui para Marília com o meu pai e a minha mãe. Chegamos e o meu pai disse "Se tu quiseres isto, não voltas atrás". E eu sempre a dizer no carro que queria. Ele lá tirou as minhas malas e disse mais uma vez "É isso que queres? Tens mais uma oportunidade, porque depois de eu entrar no carro não vou voltar atrás". E eu repeti que sim. E lembro-me até hoje que depois de os meus pais entrarem no carro, vi-os a fazer a rotunda e a pegarem a autoestrada e comecei a chorar. Liguei para a minha mãe – que

também começou a chorar – e o meu pai não quis voltar atrás. Hoje podem dizer que foi uma crueldade dele, mas eu não penso assim. Levo como uma motivação, eu tinha de ser forte para começar a assumir os meus compromissos e ter mais responsabilidades. Os primeiros dias foram difíceis. Costumo dizer à minha mulher que eu nem sei como dormia – acho que era de tanto chorar, ficava cansado e dormia com o choro. Depois ia treinar, voltava... Não conhecia ninguém, porque as outras crianças eram todas da cidade – só eu é que era de fora e ficava sozinho no alojamento. Tinha até medo de morar debaixo da bancada. Foi difícil, mas adaptei-me.

E a partir daí?

Fui para o Ponte Preta com 14 anos e fiquei até aos 15. Depois



Tintinhas®

desci a rua, como se diz lá, e fui para o Guarani – que era o rival. Com 16 anos, comecei a jogar nos Sub-20 (onde fui artilheiro do Campeonato Paulista Sub-20 com 16 golos), assinei o meu primeiro contrato profissional e estreei-me no Campeonato Brasileiro. O meu treinador era o atual do Corinthians, o Vágner Mancini. Entretanto, o Corinthians contratou-me – cheguei lá com aval do Tite –, treinava com os profissionais e descia para jogar nos Sub-20.

Foi de alguma forma difícil começar a jogar no Campeonato Brasileiro pelo Guarani e depois alinhar pelos Sub-20 no Corinthians?

Não, nunca pensei que fosse um passo atrás. Ter 16 anos e assinar com uma equipa grande deixou-me muito feliz. Quando cheguei, em 2011, treinava com o Ronaldo Fenómeno, o Roberto Carlos... Para mim era um sonho, então isso nem me passava pela cabeça. Ficar de segunda a sexta com esses grandes jogadores, fez-me aprender muito. Eles depois saíram e chegou o Adriano Imperador, o Alexandre Pato, o Paolo Guerrero, o Emerson Sheik... Foi incrível! Aprendi muitas coisas. Já em 2012, fui campeão da Copa São Paulo de Juniores. Tínhamos uma grande equipa, da qual fazia parte o Marquinhos que está agora no PSG e muitos outros. Depois fui emprestado ao Paraná – joguei também muito pouco e foi quando comecei a sentir que era mais difícil ser profissional. Em 2013 fui para o Guaratinguetá, já estava mais preparado. Joguei a Série B, fiz 30 jogos, 11 golos, e foi quando o Tite me reintegrou. Mas ia sempre para o banco, nunca entrava, não tinha oportunidades. Em 2014 fui emprestado de novo para o Penapolense, onde joguei o Paulista. Fomos à semifinal (perdemos com o Santos), fui o terceiro ou segundo artilheiro do campeonato, e o Corinthians quis renovar comigo e eu não aceitei mais. Queria ser mais valorizado. Fui para o Ponte Preta em 2014, onde fiz o resto do campeonato. Subimos para a Série B, de lá para a Série A, fomos vice-campeões e depois foi quando seguí para o Japão.

E a aptidão para fazer golo vem desde sempre ou começaste noutra posição?

Quando eu tinha 12 anos, jogava a defesa esquerdo ou médio. [Risos] Até que nos treinos do Ponte Preta – como eu jogava mais no meio, fazia muitos golos e tinha um remate muito forte – o treinador disse: “Olha, eu acho que essa não é a tua posição. Vou-te pôr como avançado”. Ok. No meu primeiro jogo, fiz golo, fiquei feliz; depois no seguinte fiz outro, e no seguinte, pelo Paulista, fiz seis! Ganhamos 13-0 e eu disse ao treinador “Já não quero saber mais, vou ficar aqui. É muito bom, corre-se menos.” [Risos] E assim fiquei até hoje.

Foi por essa altura que surgiu o apelido Tanque?

O apelido surgiu através do meu representante, pelos remates de fora da área, na Copa São Paulo. As pessoas diziam “dispara missil” e coisas assim, e ficou. Os meus amigos, no Corinthians, começaram a chamar-me de Tanque, em todos os lugares para onde ia chamavam-me Tanque, e ficou. E as televisões começaram a chamar-me assim também, depois.

De volta ao presente: sentes que estás a conseguir deixar a tua marca aqui no clube?

Sim, mas não penso em deixar a marca. Penso em escrever um capítulo – juntamente com os meus companheiros – pela época que estamos a viver. Pensamos em deixar algo que faça os adeptos felizes e os façam lembrar-se de nós um dia.

Esperas ainda ver os adeptos aqui no estádio, esta época?

Esperamos que sim. Estamos ansiosos! Estão a dizer que podem ser as últimas quatro jornadas... Espero que eles atinjam o limite permitido, e que aqueles que não poderem entrar nos apoiem fora do estádio. Estamos a fazer uma linda época, e, da mesma maneira que eles nos querem ver, nós também queremos que eles nos vejam.

Norte Car
automóveis

ESPERANÇA NO REGRESSO AINDA ESTA ÉPOCA

No passado dia 11 de março, foi anunciado pelo Primeiro-Ministro, António Costa, o Plano de Desconfinamento, no qual duas datas trouxeram uma luz ao fundo do túnel para todo o universo futebolístico: o possível regresso dos adeptos aos estádios.

De acordo com o calendário de reabertura gradual, a partir de 3 de maio são permitidos “grandes eventos exteriores e eventos interiores com diminuição de lotação”. Caso se venha a confirmar a presença de público, a Mata Real poderá abrir portas nas jornadas 32 e 33 da Liga NOS, nos encontros do FC Paços de Ferreira com o CS Marítimo e com o Gil Vicente FC, respetivamente (sempre de acordo com as diretrizes que possam a ser definidas pela Direção Geral da Saúde relativas à lotação).

No entanto, numa reação ao anúncio feito por António Costa, Pedro Proença, presidente da Liga Portugal, apontou na sua página do Facebook uma outra data possível – 19 de abril, dia em que o Governo prevê a abertura de “cinemas, teatros, auditórios e salas de espetáculos”, bem como a possibilidade de realização de “eventos exteriores com diminuição de lotação”. “Hoje, olhamos para o futuro a acreditar que, em breve, a 19 de abril, poderemos ter os adeptos connosco nas bancadas! Visto que o desconfinamento previsto quer para eventos exteriores com lotação reduzida quer para a reabertura das salas de espetáculos, ocorrerá nessa data, estamos certos de que esse será o momento para o regresso do calor dos cânticos, do conforto dos aplausos, do vibrar das emoções, daqueles que ao longo deste difícil período nunca, por um único momento que fosse, deixamos cair no esquecimento: os nossos adeptos!”, lê-se na publicação.

Caso se verifique a abertura nesta data, os adeptos do FC Paços de Ferreira poderão ter a possibilidade de assistir às jornadas 28 e 30, diante do SC Farense e Belenenses SAD – além das já mencionadas anteriormente.

Apesar desta calendarização já anunciada, o Primeiro-Ministro reforçou que as medidas da reabertura serão revistas sempre que Portugal ultrapassar os “120 novos casos por dia por 100 mil habitantes a 14 dias” ou sempre que o índice de transmissibilidade ultrapasse o 1.



PRESENTE DE ANIVERSÁRIO EM NOME DO PLANTEL

O plantel do futebol profissional do FC Paços de Ferreira ofereceu uma camisola autografada por todos os atletas ao presidente Dr. Paulo Meneses, em jeito de presente pelo seu aniversário - comemorado no dia 6 de março.



FIXPAÇOS
fixing solutions



Desta vez, não fomos até ao relvado e não falamos com nenhum atleta. Fomos até aos “bastidores” e falamos com alguém que contribui – e muito – para os sucessos dentro das quatro linhas. Nesta edição do Pensa Rápido, foi o Dr. André Silva quem partilhou algumas memórias e revelou alguns dos seus gostos.

16. Quais são as séries que está a acompanhar de momento?

Firefly Lane. [Risos] É muito engraçada. São duas amigas, mas depois há umas traições entre elas... É um enredo engraçado e muito levezinho. Mas a La Casa De Papel é a minha preferida – acompanho e “colo” a ver aquilo até ao fim.

53. Qual é a comida de que não gostava quando era criança, mas agora gosta?

Há uma fácil: caldeirada de peixe. E a outra é bacalhau cozido. Comer peixe era complicado, quando era miúdo. Mas a minha mãe sempre me obrigou a comer isto tudo, e em adulto facilmente aprendi a gostar de tudo e não há nada que não coma. Mas a caldeirada de peixe... era um filme para me fazerem comê-la, e agora sou capaz de a pedir num restaurante.

80. Pense no amigo mais antigo que tenha. Como é que se conheceram?

É o Pedro. Conhecemo-nos no infântário – deve ter sido nalguma birra. [Risos] Foi nas brincadeiras, nas festas de anos... Ele vivia perto de mim, eu ia muitas vezes para casa dele e fomos mantendo o contacto até hoje.

21. Se pudesse entrar numa série ou num filme, qual escolhia? E qual seria a sua personagem?

Tinha de ser uma série de polícias, em que desvendava um mistério qualquer. Tinha de ter alguma ação e algum perigo, porque, na vida real, tenho muito medo destas coisas e nunca poderia ser polícia por isso. Mas, ao mesmo tempo, há o desafio, a adrenalina... Não queria na vida real, mas num filme gostava. Poderia ser na La Casa De Papel, para conseguir apanhar o professor.

12. Qual foi o jogo de futebol que mais o marcou?

A final do Euro 2016, em Paris. Estava de férias em Itália e um amigo ligou-me antes da meia-final e disse que tinha um bilhete para mim. Entretanto, apuramo-nos para a final, comprei o bilhete de avião de Itália para França e fui. A expectativa era: a probabilidade de ganharmos é baixa, mas, se ganharmos, eu vou estar aqui. E ganhamos! Sendo tudo inesperado, ainda deu mais gozo.

88. Que desportos gosta de ver?

Gosto de ver futebol (e, apesar de não ser de cá, fui imbuído pelo espírito do Paços e vivo muito o clube), andebol, atletismo e ciclismo. E, obrigatoriamente, natação, porque fui nadador durante muitos anos.



BRITO

FABRICO DE MOBILIÁRIO DESDE 1972



X



MOREIRENSE FC

Fundação: 1 de novembro de 1938

Presidente: Vitor Magalhães

Treinador: Vasco Seabra

Estádio: Comendador Joaquim de Almeida Freitas

Lotação: 6000

As últimas temporadas:

2017/2018

Liga NOS – 15º lugar, 32 pontos

2018/2019

Liga NOS – 6º lugar, 52 pontos

2019/2020

Liga NOS – 8º lugar, 43 pontos

Camisola principal:



É o último jogo antes de uma paragem para os compromissos internacionais. Esta tarde, a jornada 24 é disputada com o Moreirense FC.

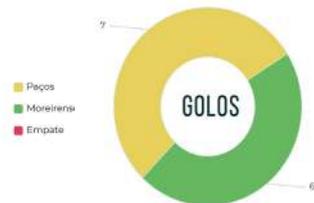
Dois funcionários que, na época, tinham cargos de alta responsabilidade na Indústria Têxtil Cuca, em Moreira de Cónegos, foram os principais responsáveis pelo nascimento do Moreirense Futebol Clube. Conhecidos como sendo grandes entusiastas do futebol, Álvaro Almeida tornou-se o primeiro presidente da direção, e António Pinheiro da Rocha assumiu, na prática, a organização dos jogos. Para que este sonho se tornasse algo mais, os dois funcionários contaram com o apoio do principal sócio-gerente da dita fábrica. Francisco Félix, natural do Porto, tinha já ligações ao mundo do futebol, sendo mesmo integrante dos órgãos sociais do Boavista FC – o que explica assim,

os equipamentos axadrezados utilizados pelos Cónegos.

Desde dezembro de 1985, FC Paços de Ferreira e Moreirense FC estiveram frente a frente 33 vezes. Nesse primeiro encontro – um jogo a contar para a 11ª jornada da II Divisão Zona Norte, realizado na Mata Real – os pacenses garantiram uma expressiva vitória por 5-0. No principal escalão do futebol português, contabilizam-se 17 jogos, e dos oito realizados em casa, os Castores levam vantagem, com três vitórias, quatro empates e uma derrota; sete golos marcados e seis golos sofridos. Na temporada passada, a equipa da Capital do Móvel venceu por 1-0, com um golo de Bruno Santos aos 15 minutos.

Do atual plantel do FC Paços de Ferreira, Pedro Rebocho e Luther Singh já vestiram as cores do Moreirense FC. Do lado dos Cónegos, Fábio Pacheco defendeu o amarelo desde a formação até 2009/2010, assim como David Simão em 2010/2011.

HISTÓRICO FCFD - MFC NA MATA REAL (LIGA NOS)





CUMPRIR NOVA MISSÃO ANTES DA PARAGEM

No último fim de semana, o FC Paços de Ferreira não conseguiu pontuar frente ao FC Porto, no Estádio do Dragão. Apesar de uma primeira parte segura, na segunda a equipa portista conseguiu ser mais forte, e dois momentos-chave acabaram por decidir o encontro. Segue-se agora a 24ª jornada, em casa, frente ao Moreirense FC – o último jogo antes de uma paragem na Liga NOS para a realização dos compromissos das seleções. E na Mata Real os Castores têm feito um percurso notável, ao qual querem juntar mais um triunfo, esta tarde.

O Moreirense FC é o oitavo classificado do campeonato, com exatos 30 pontos somados até ao momento. Ao fim de 23 jornadas, tem igual número de vitórias e de derrotas – sete – e regista ainda nove empates – sendo a segunda equipa que mais jogos terminou com uma igualdade no marcador (apenas atrás do Belenenses SAD, com dez). Já quanto aos golos, tem 23 marcados e 27 sofridos.

Fora de portas, os Cónegos têm vindo a atravessar uma fase positiva, registando-se

apenas uma derrota (Boavista FC) e quatro vitórias (CD Nacional, FC Famalicão, SC Farense e CS Marítimo) nos últimos cinco jogos como visitante. Resultados que contrastam com o que se tem verificado no Estádio Comendador Joaquim de Almeida Freitas, onde não vencem há seis jornadas (Vitória SC, Portimonense SC, SC Braga, SL Benfica, Belenenses SAD e Rio Ave FC).

No último domingo, na recepção ao Rio Ave FC, a partida terminou com um empate a uma bola. Filipe Soares, aos sete minutos, deixou os vilacondenses em vantagem, marcando um golo na própria baliza, até que, já na reta final (aos 83'), Felipe Pires estabeleceu a igualdade, após ter entrado à passagem do minuto 62.

Do plantel à disposição do técnico Vasco Seabra (que também já orientou equipas da formação e do futebol profissional do FC Paços de Ferreira), o destaque vai para os dois melhores marcadores na Liga NOS, com quatro golos cada: Rafael Martins e Yan Matheus.



aldro
energia e soluções



aldro
energia e soluções



Enquanto aguardamos o regresso dos nossos adeptos à Mata Real, continuamos a manter o contacto à distância. Esta semana, procuramos saber como surgiu esta paixão pelo FC Paços de Ferreira – que começou com o futebol e tem recebido novas modalidades.

Como nasceu a sua paixão clubística pelo Paços?

Agostinho Ferreira (Sócio 236): Graças ao meu pai, há mais de 20 anos! Eu costumava ir com ele ver os jogos de futebol, e, um dia mais tarde, ele mesmo fez-me sócio do clube.

José Fernandes (Sócio 478): A minha ligação nasceu graças a um amigo, que era filho do Sargento Gomes, antigo presidente do clube. Foi nessa altura, com o filho dele, que apareceu esta paixão pelo Paços de Ferreira

Vitor Carneiro (Sócio 1079): Com o meu tio. Ele também é sócio e levava-me a ver os jogos todos em casa. Mais tarde, ganhei o bichinho e também quis ser sócio.

Quais são as principais diferenças que foi observando ao longo do tempo (por exemplo: ambiente dos jogos, equipa, estrutura)?

AF: Noto cada vez mais profissionalismo. Eu estou na bancada antiga, e desejaria até averiguar as condições da bancada nova, mas, sim, verifiquei melhorias significativas em termos de infraestruturas do clube. E também no departamento financeiro – o clube sempre investiu dinheiro ponderadamente, e, por isso, nunca se senti aflito, por assim dizer. E até hoje é um clube bastante estável.

JF: A estrutura melhorou muito, e, fruto dessa sua qualidade, permitiu criar um estádio que convida as pessoas a irem ver futebol. E depois, naturalmente, com um estádio mais apelativo, o ambiente de jogo também se torna diferente – há mais espectadores e as pessoas sentem-se mais confortáveis para verem o espetáculo.

VC: A melhoria ao nível dos resultados é a principal diferença que verifiquei – e é bastante notória, tal como estamos a ver nesta época.

Além do futebol, o FC Paços de Ferreira já tem futsal, bilhar, eSports... Costuma acompanhar alguma destas modalidades?

AF: Acompanho essencialmente o futebol. Uma vez ou outra vejo jogos das outras modalidades, e também já cheguei a ir ver jogos das camadas jovens de futebol. Houve uma altura em que se falou que o Paços ia formar uma equipa de ciclismo e eu estava mais atento, porque sou sobrinho do ciclista Ribeiro da Silva, e, naturalmente, essa modalidade despertava em mim mais interesse. Mas um dia gostaria de ver o Paços formar uma equipa de andebol.

JF: Por acaso não, só o futebol, pois o meu tempo é limitado. Mas como o meu filho já jogou voleibol, penso que essa seria uma modalidade que gostaria que o Paços tivesse.

VC: Acompanho o futebol, principalmente, mas também presto alguma atenção ao futsal. Também gostaria que o Paços tivesse uma equipa de voleibol.

MCOUTINHO

UMA LUTA DE TODOS, PELA IGUALDADE

#RACISMO NÃO

A cada ano, a 21 de março, assinala-se o Dia Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial. A efeméride visa relembrar a importância de combater o racismo, a xenofobia e todas as formas de violência discriminatória com base no preconceito e no ódio, assim como transmitir uma mensagem de igualdade. Apelos que se mantêm urgentes nos dias de hoje.

“Entende-se por discriminação racial qualquer distinção, exclusão, restrição ou preferência em razão da origem racial e étnica, cor, nacionalidade, ascendência e território de origem, que tenha por objetivo ou efeito a anulação ou restrição do reconhecimento, gozo ou exercício, em condições de igualdade, de direitos, liberdades e garantias ou de direitos económicos sociais e culturais”, lê-se no site da Comissão Para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CPICDR).

Proclamado pela Organização das Nações Unidas em 1966, o Dia Internacional da Luta Contra a Discriminação Racial destaca o Massacre de Sharpeville ocorrido em Joanesburgo, a 21 de março de 1960. Na época, cerca de 20.000 pessoas protestavam de forma pacífica contra a Lei do Passe, que obrigava a população negra a ser portadora de um cartão com identificação dos locais onde era permitida a sua circulação. No entanto, apesar de o protesto ser pacífico, a polícia do regime do apartheid disparou contra a multidão, matando 69 pessoas e ferindo 186.

Este acontecimento tem agora mais de 60 anos, o regime do apartheid foi, entretanto, desmantelado, mas a verdade é que vários tipos de práticas racistas e de discriminação racial continuam a verificar-se por todo o mundo – seja pelo insulto, pela humilhação, pela dificuldade no acesso a um emprego, ou mesmo pela existência de outros regimes desumanos. Atualmente, a internet revela-se também um “terreno perigoso”, na medida em que tem vindo a ser o palco para a propagação de campanhas discriminatórias, xenófobas e de ideologia supremacista – algo “facilitado” pelo facto de que, atrás de um ecrã, nunca é preciso dar a cara.

A ignorância, neste caso, atinge níveis preocupantes e é preciso ser combatida, relembrando que cada pessoa deve tomar uma posição ativa contra todas as formas de discriminação racial. Juntos, deve ser percorrido um caminho para a construção de um mundo mais justo e igualitário.

Ora, o futebol é também um veículo importante para dar voz a esta luta, não fosse o desporto uma das áreas onde, infelizmente, ainda se assiste a casos de racismo ou xenofobia. Nesta jornada 24 da Liga NOS (e na jornada 25 da Liga SABSEG), a Liga Portugal, juntamente com os clubes, difunde a mensagem “Racismo NÃO” com várias ações ao longo dos jogos – inscrição “Racismo Não” nas camisolas em substituição dos nomes dos atletas, bandeirolas de canto e bola oficial alusivas à campanha e a foto no line up board da campanha, antes do início da partida, são alguns dos exemplos para destacar uma mensagem que deve ser entendida e posta em prática por todos.

“Porque as únicas cores que importam são as da camisola”.



IRMARFER

PAÇOS NA HISTÓRIA COM... ADALBERTO

O eterno capitão, o homem das subidas, o homem do golo ao Benfica... Adalberto. Não haveria um Pacense que não conheça o percurso do mítico central no FC Paços de Ferreira – não tivesse ele dedicado toda uma carreira ao clube que é do seu coração. Mas há sempre histórias por contar e novas memórias para recordar, e é dessas que falamos nesta terceira edição de "Paços na História".



"Por vezes não consigo ter palavras. Emociono-me muito quando falo do Paços de Ferreira". Provavelmente, não haveria melhor forma de começar a rúbrica do que esta. Afinal, há histórias que não se dissociam, e quando quase toda uma vida caminha de mãos dadas com um clube, "palavras" são o que mais falta para descrever tudo o que se viveu. Tudo começou em 1981...

Natural de Lordelo, Adalberto talvez nunca tenha pensado, ao longo dos seus primeiros 12 anos, que um dia viria a representar o FC Paços de Ferreira. Na época, havia uma grande rivalidade entre o emblema pacense e o Aliados de Lordelo – clube ao qual a sua família estava ligada. "Se nessa altura o meu avô ainda fosse vivo, de certeza que não teria vindo para o Paços", chegou a declarar. Mas a verdade é que o Aliados de Lordelo não tinha camadas jovens – apenas Juniores –, e a oportunidade de ir treinar para o FC Paços de Ferreira surgiu. "As captações nem foram em Paços, foram em Figueiró, porque o clube estava a relvar o estádio pela primeira vez e o campo de treinos ainda não estava pronto. Fui lá e acabei por ficar. Tinha 13 anos, fui para os Iniciados".

Foram cinco anos ao serviço dos escalões de formação: dois nos Iniciados, um como Juvenil e outros dois nos Juniores. E não, o seu começo não foi como defesa. "Era médio direito. Era aí que jogava nos Iniciados. Entretanto, no meu ano de Juvenil, fomos fazer um jogo a Amarante que era importantíssimo ganhar para ficarmos apurados para a fase final. Eu até estava como suplente, nesse jogo, até que o senhor Dias me meteu a central para eu marcar um jogador do Amarante – que era muito importante, um ponta de lança. E as coisas correram bem! Estávamos a perder 2-0, acabamos por ganhar 3-2, eu consegui segurar o tal jogador e desde então comecei a jogar a central", recorda.

As exibições convenceram, e depois de um caminho sempre na companhia da mesma equipa, Adalberto chegou ao plantel sénior no seu último ano de Júnior, juntamente com mais três colegas: "É uma coisa que nós, enquanto jovens, sonhamos sempre,

PAÇOS NA HISTÓRIA

e se calhar eu até nem pensava um dia chegar ao plantel sénior. É sempre difícil lá chegar... e naquela altura também o era. O Paços era muito conhecido aqui na Zona Norte – nunca tinha chegado à Primeira Divisão, mas era muito forte e um dos candidatos à subida”. Após uma primeira temporada sem ter tido oportunidades, na segunda (1988/1989) confirmou-se a estreia – e logo num jogo de grandes emoções, como eram todos aqueles que opunham os Castores ao rival SC Freamunde. Tudo correu bem, e novos capítulos de glória se escreveriam a partir daí, dos quais se pode destacar, por exemplo, o golo marcado ao Benfica de Castelo Branco, em 1990/1991: “Esse jogo era importantíssimo para nós, aqui em casa. O Benfica de Castelo Branco era um dos candidatos à subida, nessa altura, e nós ganhamos por 1-0 com um golo meu. Marca sempre”. Golo esse que praticamente garantiu a subida ao principal escalão do futebol português.

A famosa época de 1990/1991 é, claramente, memorável. O FC Paços de Ferreira carimbava a passagem que o faria espalhar magia pelos grandes palcos do futebol nacional. E o feito mais saboroso se torna quando não estava previsto no início da temporada. “Tínhamos um bom grupo nesse ano. O Paços não tinha apostado para subir, o objetivo era a manutenção, mas as coisas acabaram por correr bem. Tínhamos uma mentalidade forte, éramos unidos, começamos a ganhar os jogos e conseguimos subir de divisão”, recorda.

E já que em cima falamos em golos, impossível seria não recordar outro igualmente de destaque, dessa feita, frente ao SL Benfica, logo no primeiro jogo entre as duas equipas, no primeiro ano de Paços na Primeira Liga. “Houve uma tabela entre o Rui Águas e o Kulkov que eu intercetei. Arranquei com a bola em direção ao meio-campo do Benfica e os adversários foram abrindo, abrindo, e avancei por ali fora. Num instante tinha apenas o William e o Paulo Madeira pela frente, driblei-os com uma troca de pés e à entrada da área rematei forte, sem hipótese de defesa para o Neno”. Foi a 19 de outubro de 1991, e o relato, feito pelo próprio Adalberto, lê-se no livro “FC Paços de Ferreira: 50 anos de história”.

Vieram outros golos, mais subidas (três das quatro da história do clube), mais momentos. E histórias caricatas. Há uma que logo lhe vem à cabeça: “Há uma história da qual



RE/MAX®

me recordo muitas vezes. Havia um senhor, que costumava estar sempre nos camarotes, que todos os jogos dizia 'Tira o Adalberto! Tira o Adalberto'. Quer jogasse bem ou jogasse mal, o homem devia ter alguma coisa... [Risos] Eu dou-me muito bem com o senhor e às vezes até nos rimos os dois agora ao relembrar isso. Mas houve um jogo em que eu estava castigado e fiquei no camarote ao lado, e o senhor volta a dizer 'Tira o Adalberto!'. E eu virei-me para ele 'Não vale a pena tirar-me agora, que eu já estou aqui'. [Risos]. O vício já era tanto que, mesmo quando eu não jogava já o dizia".

Em 2004/2005, o capitão pendurava as chuteiras. Mas a ligação com o FC Paços de Ferreira não terminaria – na verdade, nunca terminará. Adalberto passou a integrar a equipa técnica de José Mota, chegou a trabalhar também com Paulo Sérgio, fez scouting... O seu dia a dia na Mata Real continuava a existir, mas estar do outro lado do balneário não era a mesma coisa. "É totalmente diferente. Não tem nada a ver. Houve ali uns tempos em que andava mais nervoso e chateado, porque eu gostava era de estar junto aos jogadores. Ainda por cima, passando para a equipa técnica, deixei amigos do ano anterior... Começar a trabalhar com eles do outro lado torna-se estranho, porque nós gostávamos era de estar ali a ajudá-los, mas a jogar. Depois já começamos a ter mais responsabilidades, como é evidente. Falamos da mesma maneira com eles, mas eles já têm outra forma de falar connosco. Se bem que isso foi coisa que nunca me preocupou. Eu falava com eles como se fossem meus colegas de campo", conta.

Quarenta anos depois daqueles testes de captação, a paixão permanece, e o FC Paços de Ferreira continua a fazer parte da vida de Adalberto. Agora, como treinador da equipa de Veteranos. Uma forma de se manter ligado ao futebol, pelo amor ao futebol e ao clube. "Todos os que estamos lá gostamos do clube e de jogar pelo FC Paços de Ferreira. Todos são sócios e esta é também uma maneira de chamarmos mais sócios para ajudarem o clube".

"Eu emociono-me muito quando falo do Paços de Ferreira". [Lembram-se?] "Quando há galas e me oferecem prémios, não consigo falar, porque é um sentimento muito grande aquele que eu sinto por um clube que sempre me ajudou. Ficaré para sempre, e será sempre o meu clube. Não há dúvida nenhuma". Diz-se que são estes os amores de uma vida... E Adalberto tem passado toda a sua vida com o seu.



Caldas de
Penacova
Água Mineral Natural



DEVEESA'
COMBUSTÍVEIS



PaçoPrint

A sua marca
gráfica